

Ciclo de debates
reflete o papel
do carnaval

PÁGINA 5



Simone lança
álbum ao vivo com
seus sucessos

PÁGINA 6



'Palavras' mergulha
no universo de
Clarice Lispector

PÁGINA 8



2º CADERNO

Fotos de Divulgação e Jorge Bispo (Maria Bethânia)

DISQUE

Inspirado em projeto de artista dos EUA, 'Dial-a-Poem' convida artistas para ler poemas ao telefone

Por **Isadora Laviola** (Folhapress)

Disque um número, ouça um poema. O "Dial-a-Poem", projeto criado em 1968 pelo artista americano John Giorno, permite a qualquer pessoa ouvir versos por telefone. Agora, ganha uma versão brasileira pela primeira vez na exposição "Sit in My Heart and Smile", em cartaz no centro de arte da coleção Moraes-Barbosa, em São Paulo. Como a obra é acessível a todos a qualquer momento, o colecionador Pedro Barbosa, um dos responsáveis pela iniciativa, a classifica como "uma oportunidade de descobrir um mundo da poesia e da poesia sonora que estava adormecido".

O projeto, realizado com colaboração da fundação sem fins lucrativos Giorno Poetry Systems, é a materialização de uma filosofia que guiava o artista americano, de que a poesia deveria ser ouvida, não apenas lida.

Barbosa e a curadora Marcela Vieira reuniram 54 artistas, poetas e escritores para a versão brasileira do

P

PARA POESIA

"Dial-a-Poem", que está disponível há algumas semanas. Os textos podem ser ouvidos ao discar o número 0800-01-76362 de qualquer lugar do Brasil ou o (+55 11) 5039 1344

de território internacional.

Entre os artistas selecionados, há vozes das mais diversas, "desde o poeta de rua ao poeta erudito", segundo Barbosa. O projeto buscou



Arnaldo Antunes



Gregório Duvivier



Maria Bethânia

abarcam "toda diversidade, seja ligada à sexualidade, às condições econômicas, à posição acadêmica e também à linguagem".

Na ânsia de alcançar toda a pluralidade do país, o "Dial-a-Poem" foi além do português e incluiu poemas em línguas de povos originários. Quem liga nos números

ouve, de forma aleatória, um de 181 poemas selecionados em português, ticuna, guajajara, baniwa e alemão, lidos em voz alta por nomes como Arnaldo Antunes, Amara Moira, Ana Martins Marques, Denilson Baniwa, Eucanaã Ferraz, Fabrício Cor-saletti, Gregório Duvivier, Maria Bethânia, Nuno Ramos, Reinaldo Moraes, Roberta Estrela d'Alva, Trudruá Dorrico e Verônica Stigger.

Ao discar um desses números, o chamador é atendido imediatamente e ouve "Dial a Poem". Então a pessoa do outro lado da linha se apresenta, diz o título do poema e começa a recitá-lo. As ligações não duram nem um minuto.

Quando Carla Diacov atende, pode-se ouvir um dos poemas "Sem Título" de Rafael Iotti. Já Marília Garcia, do outro lado da linha, recita o conhecido "Casamento" de Adélia Prado. E Ismar Tirelli Neto lê o seu "A Roupa do Corpo".

"Procuramos manter a leitura como uma performance, sendo fiel ao projeto original onde o contexto da poesia era de certa forma inalienável à performance ou ao ativismo dos anos 1960 e 1970", conta Joaquim Pedro, produtor na coleção Moraes-Barbosa.

Luna Alkalay reforça poder do cinema feminino na Mostra de Tiradentes

28
MOSTRA DE CINEMA DE TIRADENTES

Divulgação



Divulgação

Evento cinéfilo mineiro reserva espaço para vozes autorais da velha guarda

Por Inácio Araújo (Folhapress)

Em um festival dedicado à cultura contemporânea, Tiradentes reservou este ano um espaço privilegiado à, digamos, velha guarda. Já mostraram seus trabalhos e falas Antonio Pitanga, depois Julio Bressane, e agora Luna Alkalay, a mais surpreendente e menos conhecida desse grupo. Num momento em que o cinema feminino busca se afirmar em igualdade com o dos homens, Luna emerge de um tempo em que se botava menos fé em mulheres que dirigiam filmes do que nas que dirigiam automóveis. Em vários casos buscou-se a reparação. O seu é um pouco diferente.

A autora do recém-restaurado “Cristais de Sangue” (1975) retorna 50 anos depois com “Trópico de Leão”, exibido na cidade mineira. Se o primeiro filme existiu, segundo ela, como resistência à ditadura, o “Trópico” vai em outra direção, ao narrar a história de uma mulher com mais de 70 anos, recém-sai-



Trópico de Leão, de Luna Alkalay, narra a história de uma mulher de 70 anos recém-saída de um relacionamento desigual com um homem muito mais jovem

da de um relacionamento desigual com um homem quase 40 anos mais jovem.

Luna Alkalay, que foi aluna de Filosofia na FFLCH entre os anos 1960 e 70, convoca aqui figuras mitológicas para compor seu repertório: Caronte, Eco, Penélope, Medeia

-cada um traz um significado preciso e funciona como parceiro na busca para se livrar de Narciso: o tal jovem com quem teve um romance.

Luna fala de si mesmo como “velha”, que prefere a idosa. E isso levou “Trópico de

Leão” a ser vivamente aceito pelas mulheres: o filme introduz o viés da vida afetiva e sexual das mulheres de mais idade com toda veemência a que tem direito, na medida em que trata de uma relação abusiva, em que o homem se aproveita da fragilidade da mulher “velha”.

O importante, no caso, é que Alkalay trabalha a questão de maneira original: coloca-se ora no centro de uma mesa de estudos do roteiro do filme, ora coloca em ação as figuras mitológicas que lançou no roteiro. E assim desenvolve a busca por si mesma de uma mulher que, após o abandono, pensa seriamente em suicídio. Este filme-ensaio repete o trajeto da diretora, que realiza uma viagem de autoconhecimento ao fim do qual, afirma, o trágico se torna dramático. A submissa Eco pede a Caronte que a mate, o que ele faz. A conformada Penélope destrói a teia que todos os dias tecia e depois desfazia. Medeia, por fim, vinga-se.

E o feminismo, que se sempre se bateu de maneira um tanto abstrata pela libertação feminina encontra neste filme-ensaio inteligente e nada desprovido de talento um novo aspecto a explorar. O tema proposto para o ano, “Que Cinema É Esse?”, em princípio um tanto misterioso, abre-se no entanto à reflexão, sobretudo à luz da maior parte dos filmes exibidos em Tiradentes. Esse cinema, com algumas exceções, conseguirá ir para os cinemas?

Ou para alguma TV por assinatura que não seja o Canal Brasil? Ou para o streaming? Em média, temos filmes interessantes, por vezes realmente bons, mas seriam “distribuíveis”, digamos assim?

Essa é a questão, ou talvez seja melhor dizer, o desafio que a 28ª Mostra de Cinema de Tiradentes lança aos cineastas: fazer bons filmes, não submetidos a um gosto médio que ocupa as salas comerciais tipo Cinemark, mas não tão voltados a si mesmos que interessem apenas a públicos muito específicos, nos melhores casos, ou a ninguém, nos piores.

Nas exibições da última semana da mostra outros filmes que se destacaram: “Deuses da Peste”, de Gabriela Luiza e Thiago Mata Machado, e “#Sem Título 9: Nem Todas as Flores da Falta”, de Carlos Adriano. Adriano é nosso maior especialista em filmes de montagem: trabalha filmes de arquivo buscando ressignificar fragmentos; na série “#Sem Título” compõe uma espécie de autobiografia composta a partir de filmes de outros. Não é possível falar de “A Voz de Deus”, onde Miguel Antunes Ramos filma, durante anos, a vida, ambições e dúvidas de dois pregadores infantis, mas pelo que mostrou na sessão “Corte Final” é para esperar pelo melhor.

ENTREVISTA / RICARDO ALVES JR, CINEASTA

'A estética queer está presente nos corpos também na subversão de normas'

Matheus Soriedem/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Expressão de desejo, cruising é a gíria (comumente encarada como jargão LGBTQIAPN+) que define a experiência de busca por parceiro sexual em locais públicos. A partir desse conceito, que pode até misturar potência e carência, mas simboliza sobretudo prazer e transgressão, o diretor mineiro Ricardo Alves Jr. gerou um poema audiovisual, entre o documentário e a fantasia, chamado "Parque de Diversões", hoje em cartaz no Rio.

Realizador de "Elon Não Acredita na Morte" (2016) e do premiadíssimo "Tudo o que Você Podia Ser" (2023), ele exibiu seu novo exercício autoral no FIDMarseille, na França, expandindo as fronteiras de seu debate sobre o querer.

Distribuído pela Cajuína Audiovisual, "Parque de Diversões" se apoia numa narrativa sensorial e performática, construída em um parque urbano de Belo Horizonte. Na trama, escrita por Germano Melo, um espaço com vegetação tropical e brinquedos infantis vira um território de excitação e descoberta, seguindo figuras anônimas que, perambulando pelas ruas das Gerais, encontram um terreno para expressar (e explorar) suas pulsões. Alves Jr. fala de seu processo de filmagem no papo a seguir.

Depois do celebrativo "Tudo o que Você Podia Ser", você volta às telas com "Parque de Diversões", falando de desejos e afirmações com uma atenção refinada às formas solitárias de vivência. Qual é a estética (performática) que você encontra na solidão?

Ricardo Alves Jr.: Inicialmente, podemos pensar que a experiência do cruising é individual e anônima. Portanto, a solidão se manifesta na chegada e na saída dessa experiência, pois o ato em si é uma vivência em relação ao outro. São essas possibilidades de



encontro que o filme explora em sua performatividade. Em cada cena, buscamos uma forma possível desses encontros, enfatizando uma multiplicidade de expressões individuais que se tornam coletivas na experiência do cruising. O espectador assume o papel de voyeur nesse jogo, acompanhando solitariamente um grupo em busca constante de

conexão, de encontros reais e fugazes.

Que luz você e **Ciro Thielmann, seu diretor de fotografia, procuram naquele espaço?**

A fotografia é um jogo de luz e sombras, evidenciando o que se vê e o que não se vê, o que está dentro e fora da cena. Buscamos

uma estética que elevasse o parque ao território da fantasia, por isso escolhemos cores que transitam entre a ludicidade e o onírico. A câmera representa o olhar do espectador. Todo o filme foi realizado em steady cam, criando uma proximidade do olhar em constante movimento, construindo uma coreografia entre os corpos e a câmera.

"Parque de Diversões" se abre para outras palavras como alteridade, humor, provocação e leveza, se comparado a suas produções anteriores. Que descobertas ele te proporciona sobre as questões de identidade e resistência associadas à comunidade queer?

"Parque de Diversões" é uma das muitas possibilidades de representações queer. Se "Tudo O Que Você Podia Ser", meu filme anterior, fala sobre a família que se escolhe, aqui, "Parque de Diversões" trata da pulsão do desejo. É um filme de sexo, onde esse desejo se manifesta em um espaço que é, ao mesmo tempo, território de resistência e imaginação. A estética queer está presente nos corpos em sua performatividade, mas também na subversão de normas, no hibridismo e na experimentação, buscando a invenção de uma linguagem fílmica própria. "Parque de Diversões" é um filme de sexo que lança o espectador em uma experiência vertiginosa para dentro de si mesmo, remexendo em tabus e desejos.

Que novo projeto entra em gestação após essa estreia?

Meu próximo filme será "A Professora de Francês", com roteiro de Germano Melo e produção de Thiago Macedo Correia. A filmagem está prevista para julho e será uma coprodução com França e Portugal. O filme conta a história de Graça, uma professora de francês que retorna à sua cidade natal para cuidar do pai doente e acaba se vendo enredada por uma seita que deseja dominar seu corpo e sua mente. Será um drama que flertará com o terror.

Para sempre Agnès Varda

Divulgação



Iluminando a grade de diversas plataformas de streaming, a pioneira da afirmação feminina nas telas ocupa o Estação Gávea nesta quarta com sessão de 'Le Pointe Courte'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Em seu empenho semanal de formação de plateias, a sessão Classiquíssimos do Grupo Estação faz da telona do Net Gávea, nesta quarta, às 21h, um espaço de reverência para o maior pilar do feminismo no audiovisual, a diretora belga Agnès Varda (1928-2019), com a projeção de seu primeiro longa-metragem, "La Pointe Courte". Recentes revisões históricas sugerem que esse drama amoroso seja o pavimento inicial da Nouvelle Vague, o movimento responsável por modernizar (não só tecnicamente como também na reflexão filosófica) a criação do discurso

audiovisual, no fim dos anos 1950. Em sua trama, um casal em crise retorna para o pequeno vilarejo de Pointe Courte, no qual Lui, o marido (vivido por Philippe Noiret), viveu sua infância. Regressar ao berço pode ser um meio de reaver o carinho de sua parceira, Elle (Silvia Monfort). No local, os dois vivem momentos de reflexão sobre seu relacionamento, ao mesmo tempo em que o cotidiano dos moradores flui ao seu redor. É uma cartografia de vivências feita sob uma ótica que o cinema desconhecia até então. Ali, o vulcão Varda entrou em erupção, gerando joias como "O Amor dos Leões" (1969), que chega agora à grade da MUBI.

Neste momento em a falta de equidade salarial entre gêneros, oriunda do sexismo,

'La Pointe Courte', de Agnès Varda, é o classiquíssimo do Net Gávea desta quarta

Gerhard Kassner/Berlinale



torna-se uma das pautas centrais do cinema, dentro e fora das telas, Agnès segue eterna, como um farol para iluminar novas estratégias de afirmação das potências femininas. Ela saiu de cena há seis anos, após uma batalha contra um câncer no seio. Morreu um mês depois de lançar seu último longa, o ensaio documental "Varda por Agnès" (2019) no Festival de Berlim, numa cerimônia onde conquistou o troféu honorário Berlinale Camera pelo conjunto de sua obra.

Esse canto de cisne dela pode ser visto hoje no streaming Reserva Imovision, assim como "Cléo das 5 às 7" (1962), a ficção mais famosa de sua prolífica obra, composta por 60 títulos.

"Parecia uma maluquice uma garota que nem tinha visto tantos filmes assim se propor a abrir um debate estético numa França onde as vozes masculinas eram preponderantes nos sets, só que eu tinha a ingenuidade e a bravura para fazê-lo", disse Agnès na Berlinale.

Morreu aos 90 anos, lutando de modo sereno contra seu tumor, sem abrir mão do trabalho. Pioneira da modernização política e narrativa da produção audiovisual, a diretora de "As duas Faces da Felicidade" (Prêmio Especial do Júri no Festival de Berlim de 1965) e "Os Renegados" (Leão de Ouro em Veneza, em 1985) nasceu Arlette Varda, mas mudou legalmente seu nome aos 18 anos. Ela tinha em seu currículo um Oscar honorário e uma Palma de Ouro de Honra ao Mérito. Ganhou notoriedade numa época revolucionária, na qual ela foi casada com o mestre europeu dos musicais Jacques Demy (1931-1990), realizador de "Os Guarda-Chuvas Do Amor" (Palma de Ouro de 1964). Viveu com ele de 1962 até a morte do diretor, com quem teve um filho, o ator Mathieu Demy, hoje com 46 anos. Antes dele, numa relação com o ator Antoine Bourseiller (1930-2013), teve uma filha, Rosalie Varda, uma aclamada figurinista, que, nos últimos anos, trabalhou como produtora de Agnès.

"Minha mãe passou os últimos 15 anos dedicada às artes visuais, explorando um formato de instalação em vídeo. Pouca gente conhece a fundo o que ela fez nesse período. Assim como poucos jovens de hoje conhecem os filmes que Demy rodou. O legado deles precisa seguir adiante e ser prestigiado pelas novas gerações", disse Rosalie ao CORREIO DA MANHÃ em recente entrevista em Paris.

Dois cults da filmografia da cineasta, "Jane B. pela Agnès V." (1988) e "Os Panteras Negras" (1968) estão disponíveis para locação ou compra na Amazon Prime, traduzindo em seus enquadramentos um dos dogmas de Varda: "A vida ganha um novo tom quando vista por uma câmera".

Reflexões sobre a folia

Papo no Abu reúne vozes representativas da folia carioca, cuja grandeza vai muito além dos desfiles

Para além da grandiosidade dos desfiles, o carnaval é um fenómeno cultural que atravessa séculos, transformando-se a cada geração. Reflexo da sociedade e de suas dinâmicas, a festa vai muito além da avenida e se insere em debates sobre identidade, religiosidade, política e arte. Pensando nisso, o “Papo no Abu” promoverá uma série de encontros que promete aproximar o público das vozes que refletem sobre a folia carioca.

O projeto será realizado no Espaço Abu, um teatro intimista que abrirá suas portas para conversas abertas e interativas com grandes nomes do pensamento carnavalesco. A ideia é simples: promover um bate-papo sem roteiros rígidos, onde cada convidado poderá falar livremente sobre o que lhe interessa dentro do universo do Carnaval.

“A proposta privilegia o diálogo e a troca de experiências, tornando cada encontro único e dinâmico. Entre os convidados já confirmados o compositor Paulo César Feital, o carnavalesco Tarcísio Zanon, a professora e pesquisadora Helena Teodoro, professora e historiador e cronista Luiz Antônio Simas”, explica o jornalista Fred Soares, que

Jessyca Alves/Divulgação



Helena Theodoro

vai mediar esses encontros.

O primeiro deles terá a participação de Paulo César Feital, um dos compositores mais respeitados do mundo do samba. Autor de sambas inesquecíveis, Feital é um profundo conhecedor da festa. “Vou falar de improviso e me deixar provocar pela plateia”, avisa o celebrado compositor, que vai abordar a construção de uma obra musical que dialoga com o Brasil e a emoção de vê-la defendida na avenida.

Já o carnavalesco Tarcísio Zanon, responsável pelos desfiles da Unidos do Viradouro, falará sobre os desafios de criar espetáculos que encantam o público e a crítica com a missão de mostrar um Brasil que nem todos conhecem, além de abordar o papel do artista na preservação e inovação da festa. “A aliança entre novas tecnologias e enredos que abordam um Brasil profundo são cruciais para renovar a tradição sem perder a essência. As inovações enriquecem as narrativas culturais, tornam os desfiles mais imersivos e conectados com o público”, comenta o carnavalesco campeão do desfile de 2024, antecipando um pouco o eixo de sua participação no projeto.

O historiador e escritor Luiz Antônio Simas trará sua leitura



Michelle Beff/Divulgação

Luiz Antônio Simas



Divulgação

Paulo César Feital



Divulgação

Tarcísio Zanon

peculiar sobre a cidade, explorando a relação entre as festas e o Rio de Janeiro. Especialista em cultura popular, Simas é conhecido por sua visão crítica e apaixonada sobre o samba e suas múltiplas manifestações. “Beto Sem Braço (histórico compositor do Império Serrano) dizia que ‘o que espanta a miséria é festa. Mas de que festa e de que miséria o poeta está falando? Essa

me parece ser uma discussão fundamental para entender a cidade encruzilhada entre o horror e a beleza”, afirma Simas.

Fechando a série, o encontro com a professora Helena Teodoro será uma oportunidade para aprofundar a discussão sobre as raízes africanas do Carnaval. Autora de importantes estudos sobre o tema, ela abordará como a festa se co-

necta com a ancestralidade negra e com os rituais que moldam a cultura brasileira. “Falar de carnaval é situar a resistência do povo negro para mostrar sua ancestralidade e suas culturas. As escolas de samba revelam nossas raízes, nossos territórios e nossa espiritualidade, além de mostrar nossa capacidade de criar, inovar e de manter nossas tradições com muita arte e fé na vida”, diz a professora, declaradamente apaixonada pelos Acadêmicos do Salgueiro.

A realização do “Papo no Abu” é fruto do esforço de quem acredita na importância de discutir e valorizar o Carnaval para além dos dias de desfile. À frente da iniciativa está Marcela Marcatto, responsável pelo evento e pela curadoria dos encontros. Para ela, a proposta é criar um ambiente onde a conversa sobre o Carnaval possa fluir de forma livre, aproximando quem faz a festa de quem a vivencia e estuda.

“Mesmo sendo a maior manifestação cultural do Rio de Janeiro, o Carnaval segue isolado em sua própria estrutura. Nosso objetivo é criar oportunidades que ampliem a ocupação de espaços e públicos, fomentando a economia criativa. A expectativa é que essa seja a primeira de muitas iniciativas de valorização e reconhecimento dos elementos populares no cenário da cultura convencional”.

Com um formato que privilegia a proximidade entre palestrantes e plateia, o “Papo no Abu” não será apenas um ciclo de debates, mas sim um ponto de encontro para aqueles que vivem e pensam o Carnaval. A proposta é oferecer ao público um ambiente de aprendizado e troca de experiências, onde as histórias, os conceitos e as ideias fluam de forma natural.

SERVIÇO

PAPO NO ABU
Espaço Abu (Av. N.S. de Copacabana, 249 - Loja E) 4/2 (Paulo César Feital), 11/2 (Tarcísio Zanon), 18/2 (Luiz Antônio Simas) e 25/2 (Helena Teodoro), sempre às 19h. Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia). Vendas em Sympla.com e na bilheteria do local

Solta a voz, Cigarra!

Simone celebra 50 anos de uma trajetória musical vitoriosa com álbum ao vivo em que reúne seus grandes sucessos



Leo Aversa/Divulgação

Uma das cantoras mais respeitadas da MPB, Simone acaba de compartilhar nas plataformas digi-

tais (via Biscoito Fino) o álbum “50 (Ao vivo)”. São mais de cinquenta anos pelas estradas, grandes clássicos lançados em sua

voz e uma crescente paixão pela canção brasileira reunidos em vinte faixas. A Cigarra rodou o país com mais de 30 shows em

comemoração às suas cinco décadas de carreira. A produção é de Marcus Preto.

O registro foi feito no Rio

de Janeiro, onde Simone se apresentou ao lado de sua banda com casa lotada. No palco, estavam Filipe Coimbra na guitarra, Fábio Sá no baixo, Chico Lira nos teclados, Vitor Cabral na bateria e André Siqueira na percussão.

Entre os sucessos, estão “Tô que Tô”, “Sangrando”, “Começar de Novo”, “Cigarra”, “Jura secreta” e muitos outros. Zélia Duncan aparece em “Boca em Brasa”, “Iolanda” e “Ex-amor”. Simone também compartilhou em seu canal do YouTube um registro dos bastidores da turnê como um presente aos fãs.

“Estou muito feliz em concluir esse projeto lindo que contou com tanta gente maravilhosa! Sinto-me vitoriosa por chegar aos 74 anos com ainda mais tesão pelo o que faço! Esses mais de 51 anos de estrada me trazem muita gratidão pelas importantes conquistas e só aumentam a vontade de trabalhar em novos projetos”, anima-se a cantora.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Caminhada solo

O cantor, compositor, multi-instrumentista e produtor Rod Melim acaba de lançar em todas as plataformas digitais sete das 14 faixas de “Inimaginável”, trabalho que marca a estreia de sua carreira solo. Produzido em parceria com o produtor Rafael Castilhol, o álbum carrega, na essência, o pop, o rock, a MPB e o reggae, alguns dos muitos ritmos presentes em seu DNA artístico. Apesar das muitas novidades, Rod inicia sua jornada sem se distanciar do som que o consagrou ao lado dos irmãos (Gabi e Diogo), na banda Melim.

Divulgação



Reprodução Facebook



Com o DVD à vista

A sertaneja Simone Mendes acaba de disponibilizar a canção inédita de “Me Ama ou Me Larga”, que dá início aos lançamentos do DVD “Cantando Sua História 2”. Gravado em Manaus, com mais de 30 mil pessoas presentes, o terceiro álbum da carreira solo reúne mais nove faixas inéditas, que serão divulgadas aos poucos pela artista. Já o primeiro videoclipe do projeto está disponível no canal oficial da cantora no YouTube. “Estou ansiosa. Esse DVD está grandioso, com um repertório muito especial e que dá início a uma nova fase da minha carreira”, explica a cantora.

Divulgação



Novas fronteiras

Nascida em São Paulo e radicada em Paris, a cantora e compositora Gabriella Lima chegou à França em 2014 com o desejo de romper limites culturais e expandir fronteiras criativas. Foram oito anos de experimentos com músicos de diferentes países sob as paredes do Cabaret Aux Troiz Maillez, consagrado clube de jazz, para a sua música ganhar forma. Seu lançamento mais recente é o single “Meu Lugar”, uma canção leve que marca a segunda etapa do projeto da artista que vem ganhando destaque com sua proposta única de fusão entre a Nova MPB e o soft pop.

Um Shakespeare tropical

Com direção de João Gofman e adaptação de Lara Bereta, 'Medida por Medida' faz curta temporada na cidade

Murillo Medeiros/Divulgação

Uma das peças menos encenadas de William Shakespeare, "Medida por Medida", escrita por volta de 1603, ganha novos contornos nas mãos da Cia Passante. A obra, que trata de temas como moralidade, abuso de poder e hipocrisia social, é transportada para o vibrante carnaval carioca, sob a direção de João Gofman e adaptação de Lara Bereta. A ousada montagem promete aproximar o público das complexidades, tão pungentes quanto atemporais, presentes no clássico. O espetáculo estreia faz temporada de três semanas na Sede Cia dos Atores.

Na história original, ambientada em Viena, o duque Vincenzo se afasta do governo e deixa o poder nas mãos do severo magistrado Ângelo. Nesta nova gestão, leis esquecidas são ressuscitadas e aplicadas com rigor, portanto, Claudio seria condenado à morte por engravidar sua noiva Julieta. Desesperada para salvar a vida do irmão, Isabela, uma noviça, implora para Ângelo libertá-lo, mas é surpreendida por uma proposta indecente, capaz de provocar um dilema agonizante. A hipocrisia e o abuso de poder emergem com força em um contexto de repressão, toques de recolher e uma epidemia de sífilis, trazendo paralelos contundentes com os dias atuais.

Na adaptação da Cia Passante, o carnaval e a liberdade pedem passagem para desfilar. Segundo João Gofman, a peça foi escolhida pela temática e o carnaval despontou como um paralelo interessante: "É uma festa que suscita temores na igreja católica. Na peça, existe a imagem desta freira e a gente conseguiu transformar o conflito, transpor ele para uma ideia de tropical, de calor. Eu consigo olhar para essas personagens, da forma como a gente está construindo, e ver que elas também poderiam estar no calor do Rio de Janeiro, porque sabem das nossas dificulda-

des, nossas questões, nossas dores", revela o diretor.

Assinada por Lara Bereta, a adaptação traz frescor e urgência para a trama, além de contribuir para uma aproximação com a realidade carioca atual. "Medida por Medida é uma obra que aborda injustiça social, religiosidade opressiva, hipocrisia, abuso de poder, violência policial, estupro, e muitos temas que continuam relevantes até hoje. Nos faz questionar os sistemas que regem a nossa sociedade: a quem eles beneficiam? A quem protegem? Por quem são mantidos?" questiona Lara, que também é atriz e dramaturga.

Fundada em 2019 pelos atores Gui Albertini e Luiza Lamoglia, a companhia ganhou forma e força com a entrada de João Gofman, responsável por idealizar e dirigir "Título Longo e Vazio Para Parecermos Intelectuais", espetáculo que conquistou sucesso de público e crítica. O grupo se mantém unido com o intuito de pesquisar teatro e descentralizar a ideia comercial, buscando um teatro que se conecte com as pessoas. Hoje, com mais sete atores convidados, a companhia aposta numa abordagem revolucionária de Shakespeare, tendo como norte não fazer o que já foi feito.

Segundo o diretor, "Shakespeare é um prato cheio pra isso, porque ele traz temas pulsantes, conflitos claros, e apesar da distância, das relações históricas com príncipes, princesas, bruxas, soldados, sucessores de tronos e etc., ele traz situações que quando colocadas em perspectiva, conseguimos chegar à pureza do desejo humano e seus conflitos", conclui Gofman.



Elenco de 'Medida por Medida', uma releitura do texto do bardo inglês ambientada no carnaval carioca

SERVIÇO

MEDIDA POR MEDIDA
Sede Cia dos Atores (Rua Manoel Carneiro, 12 - Escadaria Selarón)
Até 16/2, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Tuca Moraes encena o solo 'Palavras, um espetáculo concebido a partir de escritos de Clarice Lispector

Baseado na obra de Clarice Lispector, o solo "Palavras", com atuação de Tuca Moraes e direção de Luiz Fernando Lobo, está inaugurando a Sala Sérgio Britto, um novo espaço no Armazém da Utopia. Convidado para abrir a temporada de abril no Théâtre de La Concorde, em Paris, a nova montagem da Companhia Ensaio Aberto é uma experimentação na qual a literatura é ponto de partida para a pesquisa do teatro narrativo.

A parceria entre a Tuca Lobo ganha outra dimensão. A atriz se deixa conduzir pelo pulsar de palavras, de frases, de memórias, de sentimentos, pensamentos, acumulados em camadas uns sobre os outros, como num espiral. Linguagem e sentidos vão se fazendo ali à vista dos espectadores. O encontro com o público torna o espetáculo um experimento único. O diretor faz intervenções de som e luz que provocam a atriz.

Com pouquíssimos objetos, o espaço cênico de J.C.Serroni, luz de César de Ramires, figurino de Beth Filipecki e Renaldo Machado, o experimento recebe apenas 40 espectadores por sessão.

"É um enorme desafio se jogar no abismo de Clarice, no abismo do mundo sem nenhuma linha de vida pra te salvar. O experimento é uma enorme desconstrução e uma aposta no encontro com cada espectador. É também levar ao extremo a re-



A literatura como ponto de partida

lação de confiança atriz/diretor. Eu me jogo. Se tiver me aprofundando sei que o Luiz Fernando Lobo vai intervir. É um jogo de risco. Um jogo de verdade.", comenta Tuca.

Luiz Fernando Lobo lembra que esse é o segundo trabalho solo de Tuca Moraes, dirigido por ele. O primeiro foi "Estação Terminal", baseado no diário de Lima Barreto, que estreou em Londres e fez uma longa temporada no Brasil e faz parte do repertório da Ensaio Aberto. "A Ensaio Aberto tem a tradição de espetáculos com grandes elencos

“É um enorme desafio se jogar no abismo de Clarice, no abismo do mundo sem nenhuma linha de vida pra te salvar”

Tuca Moraes

e esses solos são sempre um se atirar no abismo, que nos possibilita muitas descobertas." Lobo destaca que "a Sala Sérgio Britto é uma homenagem a um grande amigo, incentivador e entusiasta da Ensaio Aberto, fundamental na minha carreira. Sérgio foi um grande homem de teatro", destaca.

As frases de Clarice serão organizadas como uma bricolagem: "A letra em Clarice anda, para, recua, avança: retoma o ponto, retece-o, leva-o adiante; a frase, vinda de sua inigualável proximidade com o mundo das

sensações, revela-se pelo uso plástico da língua. E os dizeres, entre mágicos, sorridentes e diretos, situam-se como ensaios: um preparar-se permanente em local de procura e de pergunta, uma entrega à naturalidade e ao perigo dessa arte maior, a do não saber; guiando-se, pela inteligência dos impulsos, temendo e não temendo, cabem o ir e o avançar, considerando a pausa; nesse estado de quem caminha, Clarice indaga-se sobre o que se vai criando ao deixar a escrita entrar em movimento", diz Roberto Correa dos Santos, autor dos livros *As Palavras* e *O Tempo*, uma coletânea de frases da obra da escritora.

SERVIÇO

PALAVRAS
Armazém da Utopia - Sala Sérgio Britto (Orla Conde - Armazém 6 - Cais do Porto)
Até 22/2, sábados e domingos (18h), com apresentações limitadas a 40 pessoas por sessão
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)